

As Narrativas de Vida

Daniel Bertaux

As Narrativas de Vida



LISBOA, 2020

Título original: *Le Récit de vie*

© Daniel Bertaux (2016 [1997])

[Tradução portuguesa por acordo com Armand Colin, 4.ª edição]

Daniel Bertaux

As Narrativas de Vida

Primeira edição: setembro de 2020

Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-75-4

ISBN da versão original: 978-2-200-60161-4

Depósito legal:

Tradução: Liliana Azevedo

Revisão científica: António Firmino da Costa

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Lina Cardoso

Revisão de texto: Manuel Coelho

Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,

de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES-Iscte, Iscte — Instituto Universitário
de Lisboa, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

E-mail: editora.cies@iscte-iul.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de siglas	ix
Prefácio da edição portuguesa	xi
Introdução	1
1 A perspetiva etnossociológica	9
A veracidade das narrativas de vida	10
A pesquisa de terreno com enfoque sociológico.....	11
Os objetos de estudo da pesquisa etnossociológica ...	12
Objetivos e meios da pesquisa etnossociológica	18
Estatuto e funções dos dados empíricos	21
Questões de amostragem	24
O estatuto das hipóteses	29
A generalização dos resultados	31
O tropismo do sociólogo em direção ao geral	33
2 Da narrativa de vida	35
Conceções da narrativa de vida	35
Domínios da existência	43
Conclusão	49

3	Três funções das narrativas de vida	51
	A função exploratória	52
	A função analítica	54
	A função expressiva	56
4	A recolha de narrativas de vida	59
	Dificuldades falsas e reais.....	59
	A abertura de um terreno	60
	A marcação de um encontro	65
	A preparação da entrevista	66
	A realização da entrevista.....	68
5	A análise caso a caso	77
	Introdução	77
	Três níveis de relações sociais	80
	Transcrever?	85
	Recuperar a estrutura diacrónica da história reconstituída	86
	Reconstituir a evolução da composição dos grupos de coabitação	98
	A procura de mecanismos geradores e de processos sociais	101
	Algumas variantes	106
	Conclusão	109
6	A análise comparativa	111
	O espírito comparativo	111
	Recorrências nos percursos	113
	A construção de hipóteses e de conceitos sociológicos	119

7	Formatação e escrita	127
	A consolidação do modelo	127
	A construção da exposição	129
	A publicação de narrativas de vida	136
	Conclusão	143
	Referências bibliográficas	147

Prefácio da edição portuguesa

Antes de mais, gostaria de dizer que estou muito feliz que seja publicada em Portugal a tradução do meu livro *As Narrativas de Vida*. Gosto de Portugal; este país faz-me feliz assim que lá estou, não sei bem porquê. E também tenho em grande estima os sociólogos e sociólogas portugueses: ao contrário dos seus colegas de outros países, que pouco sabem da sociologia para além da sua versão nacional (francesa, alemã, americana...), eles/elas sabem muito bem que existem outras formas de pensamento sociológico além das fronteiras do seu país e da sua língua; uma diversidade conceptual, aliás, em parte ligada à história e às características estruturais deste ou daquele país, que merece que se lhe dedique um olhar atento.

Mais concretamente, gostaria de agradecer aqui a António Firmino da Costa, que encarna o tipo ideal desta abertura ao mundo por parte dos sociólogos portugueses. Foi ele que tomou a iniciativa de apoiar esta tradução, e encontrou a pessoa certa para a realizar: Liliana Azevedo, uma socióloga multilíngue, que traduziu o meu texto como se de um trabalho de ourivesaria se tratasse, com grande precisão.

O que tenho para dizer neste livro resume-se em poucas palavras. Dirijo-me aos sociólogos e sociólogas e digo-lhes isto:

Vocês, sociólogos/as que procuram compreender a sociedade que vos rodeia, saibam que aquilo que podem aprender nos livros e nas revistas não vos será suficiente. Porque esta sociedade não é um mundo inanimado governado por leis universais que seria necessário descobrir. É um mundo *animado*, um mundo de seres vivos e pensantes dotados de energias vivas, de consciência e vontade; capazes, enquanto tal, de iniciativas surpreendentes que podem influenciar o seu curso, quer estejam em posição de exercer importantes poderes sociais (políticos, económicos, de influência...); quer consigam convencer e mobilizar um número suficiente de outras pessoas à sua volta para o tentarem fazer.

Numa tentativa de fazer compreender o conceito de “complexidade” nas sociedades contemporâneas, estas foram por vezes comparadas a gigantescos mecanismos de relógio. Porque não, desde que não nos esqueçamos que cada um destes “mecanismos” é composto por engrenagens que são tantos outros seres vivos... Feitos de carne e osso, peçados de emoções, sentimentos e convicções, engrenagens que comunicam entre si em voz baixa e sabem muito bem, quando necessário, como atar os seus pequenos músculos, todos ao mesmo tempo.

Forneço-vos aqui uma chave que me permitiu abrir algumas das numerosas fechaduras que, como tantas outras sociedades, a sociedade francesa tem. Esta chave é a seguinte: cada sociedade, qualquer que seja a forma da sua arquitetura global, é composta — como um mosaico — de numerosos *mundos sociais* (de acordo com a expressão de Howard S. Becker) inseridos nessa arquitetura. Cada um deles tem as suas *próprias* regras de funcionamento, muitas vezes não escritas, que regem os “jogos” que ali se jogam no longo prazo e que *aqueles e aquelas que neles trabalham elou vivem acabam por descobrir e compreender por experiência própria*, pois os seus êxitos ou fracassos dependem disso.

Ora, esses saberes locais, informais, acerca das regras não escritas de um determinado mundo social estão destinados a

permanecerem ignorados fora desse mundo. São, como dizem os/as antropólogos/as, “saberes indígenas”; respeitam-nos, questionam-nos, e deles tiram um proveito etnográfico... Mas a maioria dos sociólogos e sociólogas ainda não foi capaz de discernir a existência dessas potenciais riquezas. Talvez obcecados pela sua busca de cientificidade, não aproveitam enormes *fontes de conhecimento* que esperam, pacientemente, ser exploradas por quem lhes souber reconhecer o valor.

A melhor forma que conheço de extrair esse valor é simplesmente pedir aos “habitantes” deste ou daquele mundo social para partilharem connosco *as suas experiências vividas* (vivas individualmente, num primeiro momento, e depois repensadas, refletidas, aprofundadas em conversas com pessoas próximas para captar o seu significado mais profundo).

Para tal, basta pedir-lhes para nos contarem o que viveram, para darem o testemunho das suas experiências nesse mundo social que conhecem por dentro. Regra geral, terão todo o gosto em fazê-lo; não com o objetivo de dar a conhecer mais amplamente a sua história pessoal, isso não lhes ocorre; mas mais modestamente porque eles/elas pensam que “poderia ser útil a outros...”.

Cabe depois ao/à sociólogo/a relacionar estes testemunhos com a experiência vivida *num mesmo mundo social*. Pois é ao cruzar esses testemunhos, ao fazê-los sobreporem-se (e por vezes contradizerem-se, o que se revela igualmente interessante de um ponto de vista heurístico) que o/a sociólogo/a chegará, muito mais depressa do que previa inicialmente, a uma progressiva totalização de conhecimentos que poderá sintetizar e, provavelmente, ultrapassar a soma dos testemunhos individuais.

Foi assim que procedi para estudar a padaria artesanal em França: ouvindo primeiro os velhos operários da padaria falar sobre a sua vida profissional, desde a sua aprendizagem em condições muito duras até aos seus últimos anos de trabalho, com os olhos postos no horizonte da libertação: a idade da reforma, que não tinham a certeza de atingir.

Depois, juntamente com uma socióloga, Isabel Bertaux-Wiame, que era filha de um artesão e compreendia melhor do que eu as dinâmicas da pequena empresa familiar, entrevistámos alguns padeiros-artesãos; e descobrimos que a maioria deles não eram filhos de padeiros, como eu tinha pensado, mas verdadeiros padeiros-operários que tinham tentado a aventura de se tornarem independentes. Nascidos em famílias rurais pobres, muitas vezes colocados como aprendizes a quem era dada “alimentação e dormida” na padaria da aldeia, despedidos três anos mais tarde, no dia em que — tendo finalmente aprendido o ofício — pediam para serem remunerados, tinham-se feito à estrada em busca de um emprego de padeiro-artesão. Até então, os seus percursos de vida tinham sido iguais aos dos velhos operários que tínhamos entrevistado. No entanto, estes tinham conseguido “ir para o outro lado da caixa registadora”. Como tinham feito? Onde tinham encontrado os fundos necessários, sabendo que os bancos só emprestam “aos ricos”, ou seja, aos mutuários solventes? Sobre este ponto, as suas narrativas de vida não davam grandes detalhes... Este era um dos mistérios que acabámos por elucidar.

O outro era igualmente importante para o êxito ou fracasso da “instalação”, ou seja, a transição do emprego assalariado para o estatuto de padeiro-artesão, aquele momento muito delicado em que o operário se *instala* por conta própria. Para o público em geral, uma padaria é, antes de mais, um pequeno negócio; e é a *mulher* do padeiro que desempenha o papel de patroa. Ora, as jovens mulheres dos meios populares, as únicas que os jovens padeiros-operários tinham alguma hipótese de conhecer e convencer a partilhar as suas vidas difíceis, não estavam todas prontas — longe disso — a gerir uma loja desde o amanhecer até ao anoitecer e passar os seus domingos a fazer contabilidade. Então, como tinham feito os operários solteiros e desejosos de se instalarem para encontrar e seduzir a pérola rara da qual dependia o sucesso da sua ambição? Esse era o segundo mistério...

Graças a este exemplo, compreenderemos, sem dúvida, melhor os desafios metodológicos abordados neste livro.

Para uma investigação sociológica, uma só narrativa não é, pois, nunca suficiente. Será necessário recolher várias narrativas, até que as primeiras recorrências apareçam em mais do que uma narrativa: são um sinal de que, sob as particularidades individuais, começam a surgir as bases do coletivo (geralmente sob a forma de constrangimentos — e oportunidades — de tipo sócio-estrutural).

Pode ser suficiente para a investigação exploratória (ver capítulo 3), o único tipo de investigação que está ao alcance de alunos/as de mestrado.

Para uma investigação de tipo explicativo, é diferente. Após as primeiras recorrências, será necessário continuar a recolher narrativas de vida (orientadas, naturalmente, para a descrição dos contextos vividos, dos contextos de ação e das ações passadas das pessoas entrevistadas — poderiam ser designadas como “narrativas de práticas” ou “narrativas factuais”) até se atingir o estado de *saturação*.

Para isso, quantos testemunhos, quantas narrativas serão necessárias? Depende muito do fenómeno que está a ser estudado: quanto maior for, na sua “produção”, a proporção de processos *sociais* vinculativos (e, portanto, quanto menor for a proporção de liberdade — de “diferencialidade” — dos agentes que participam na sua produção), menos narrativas de vida serão necessárias. A título indicativo, quando estudei a panificação artesanal em França, esse setor do comércio artesanal contava com 35 mil padarias (significando um número igual de casais padeiros, isto é, 70 mil pessoas), empregava quase 100 mil padeiros-operários, 15 mil aprendizes e 15 mil vendedoras; ou seja, 200 mil pessoas no total (1% da população ativa). As restrições decorrentes do trabalho (dez horas por dia, seis dias por semana...) tinham pesado tanto, e durante décadas, na vida dos padeiros-operários envelhecidos que só tivemos de recolher as

narrativas de vida de alguns deles para ver aparecer muitas recorrências, e apenas o dobro para atingir a saturação.

Em contrapartida, as trajetórias de vida dos padeiros-arte-sãos eram mais diversas, e ainda mais as das padeiras: foi necessário recolher várias dezenas antes de alcançar o essencial dos “mecanismos geradores” (a expressão é de Durkheim) dos seus percursos de vida.

Passo por cima do resto: organizar tudo o que tínhamos aprendido acerca dos operários, dos padeiros-artesãos e das padeiras num quadro geral, tendo estatísticas em pano de fundo; entrevistar alguns informadores privilegiados, nomeadamente um comerciante que nos revelou alguns dos segredos da “circulação do valor” neste setor; mergulhar-nos na história da panificação artesanal, que é muito mais agitada do que esperávamos; mas esse foi o preço para compreender, por exemplo, por que se encontra ainda pão artesanal em França, quando há muito que já não se encontra em Inglaterra ou na América do Norte.

Em qualquer caso, uma só narrativa de vida — por mais rica que seja — não é suficiente para formar a base de uma investigação sociológica. É por isso que fiz questão de dar à tradução portuguesa deste livro o título que melhor lhe convém: não “A narrativa de vida”, o título da edição original (francesa) que me tinha sido imposto pela editora, mas *As Narrativas de Vida*.

* * *

Posto isto, queria evitar ser mal interpretado. Um/a investigador/a pode ter recolhido um número suficiente de narrativas de vida “factuais” para alcançar o essencial das dinâmicas de produção, reprodução e transformação do mundo social em estudo e optar por apresentar essas dinâmicas através de um “caso” particular, mas exemplar, ao qual corresponde uma narrativa de vida particularmente expressiva.

A literatura antropológica é rica em exemplos bem-sucedidos. São, no entanto, muito menos numerosos na literatura

sociológica. Citarei aqui apenas um exemplo: a obra de Catherine Delcroix *Ombres et lumières de la famille Nour* [Sombras e luzes da família Nour] (2013 [2001]), porque conheço bem a sua génese. Este livro de quase trezentas páginas não se centra numa única narrativa de vida, mas na história de uma família ao longo de duas gerações. Trata-se de facto da história de um casal de emigrantes naturais de uma aldeia de Marrocos que vieram tentar a sua sorte numa grande cidade do Sul de França. Estabeleceram-se ali; e enquanto o marido trabalhava como operário na construção civil, tiveram oito filhos, seis rapazes e duas raparigas, que cresceram ali e experimentaram destinos distintos.

Os rendimentos da família eram constituídos pelo salário do marido e os abonos de família; isto chegava apenas para criar os filhos, e a mãe tinha de puxar muito pela imaginação para conseguir manter as suas frustrações dentro de limites razoáveis. Mas a família viveu, ainda assim, anos felizes. Até ao dia em que o senhor Nour foi vítima, na obra onde trabalhava, de um acidente grave que o deixou incapacitado para o resto da vida...

Então a vida quotidiana tornou-se muito mais difícil e muito dependente das ajudas concedidas à família — não sem altos e baixos — por diversas *políticas públicas*.

O grande interesse desta história de família — que é composta pelas histórias do pai, da mãe e dos oito filhos, ou seja, de vidas individuais em estreita interdependência umas das outras — advém do facto de C. Delcroix as ter acompanhado *na longa duração*. Mas também, de ela ter recolhido anteriormente dezenas de narrativas de vida de emigrantes de primeira geração de várias origens (Argélia, Marrocos, Tunísia...) que viviam no mesmo bairro social que a família Nour; e que, por isso, ela era capaz de saber o que, por comparação, era específico da história desta ou daquela família, e o que *lhes era comum*: os mercados de trabalho locais (e a sua discriminação contra os imigrantes) e, sobretudo, a oferta de políticas públicas (de educação e formação, de inserção no emprego, de saúde, de apoio às pessoas com deficiência, com doenças crónicas, de

assistência social...). Acompanhar em tempo real a história desta família de dez pessoas ao longo de muitos anos permitiu-lhe observar de perto o funcionamento *real* (e não só o suposto funcionamento) das políticas públicas em relação aos Nour, mas também em relação a milhões de outras famílias de condição socioeconómica semelhante — francesas ou imigrantes — e as dificuldades concretas destas famílias em aceder concretamente aos seus *direitos* sociais e aos *apoios* sociais que as políticas públicas supostamente devem garantir.

* * *

Em suma: em sociologia, a recolha de narrativas de vida deveria ser, desde sempre, um dos métodos comprovados de recolha de dados fiáveis sobre as realidades sócio-históricas, desde que se multipliquem as narrativas de vida de indivíduos que adquiriram, pela sua experiência pessoal, conhecimentos sobre um mesmo mundo social.

Esta conceção muito simples encontra, porém, fortes resistências. A ideia de que entrevistas poderiam fornecer dados fidedignos sobre os fenómenos externos (e não apenas sobre os fenómenos internos, psíquicos), ideia óbvia em etnografia, ainda choca as convicções metodológicas “arqueo-cientistas” (não encontro uma expressão mais exata do que este neologismo que me vem à cabeça enquanto escrevo) de muitos/as sociólogos/as. E a ideia de que pessoas que não estudaram as ciências sociais sejam no entanto capazes de compreender as situações que vivem e os seus contextos (que não são *cultural dopes*, idiotas “culturais”) choca a convicção profunda dos sociólogos e sociólogas de que só eles/elas, no fim de contas, possuem essa capacidade...

Dito por outras palavras, este pequeno livro, no qual depusitei o melhor de mim ao longo das reedições e das traduções para línguas estrangeiras, pretende explicar ao/à leitor/a coisas simples; mas revela-se bastante mais complexo do que estava

previsto (variante: do que seria de esperar), tendo em conta os estereótipos em relação às entrevistas em geral e às narrativas de vida em particular.

Em cada capítulo, tentei expor os pontos essenciais numa linguagem clara e multiplicando os exemplos; pois são os exemplos que permitem expor de forma clara as ideias. Pareceu-me, no entanto, que seria necessário começar por um capítulo mais teórico. Inevitavelmente, o capítulo 1 irá parecer mais difícil aos estudantes de sociologia mais jovens; por isso mesmo, sugiro-lhes que o ignorem temporariamente, e comecem a leitura no capítulo 2. Após se terem familiarizado progressivamente com os termos sociológicos à medida que vão avançando nos capítulos seguintes, ser-lhes-á sempre possível (e até fortemente recomendável!) regressar ao capítulo 1 para tomar conhecimento dos seus conteúdos.

Só me resta desejar ao leitor e à leitora que tenham tanto prazer em ler este livro como eu tive em escrevê-lo. Boa leitura!